

# FUTSAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: olhares para o gênero

Thalita Moura; Afonso Antonio Machado  
LEPESPE- UNESP/IB/DEF- Rio Claro

## INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade onde a busca feminina pela equidade nas relações de gênero é cada vez mais constante. Mulheres lutam pela igualdade de oportunidades no trabalho, na sociedade e na família, e é notório que vêm obtendo sucesso, mas será que essa equidade de oportunidades entre sexos está presente nas aulas de Educação Física escolar? Frequentemente nos deparamos com situações em que algumas questões de gênero se tornam perceptíveis nas aulas de Educação Física, onde os conteúdos propostos pelo professor diferem de acordo com o sexo da criança. Para os meninos cabe como principal, quando não o único conteúdo, o futsal, já as meninas, em geral são propostos esportes como voleibol e handebol.

Neste sentido, Couto (2008) afirma que os comportamentos, atitudes e escolhas relacionada à questão dos brinquedos, brincadeiras e jogos direcionados para meninos e meninas são potencialmente estimuladas pela sociedade. Este fato, segundo o autor, influencia no âmbito escolar uma vez que o nível de habilidades motoras acaba sendo diferente entre os discentes, relação esta que se manifesta diretamente por meio das vivências e interações que cada um estabelece com o ambiente de experimentações, com o outro, com os outros seres e com o mundo. Sendo assim, entende-se que o grau de experiências vivido pelos alunos e alunas contribui para determinar e distinguir as condições de desenvolvimento dos diversos aspectos importantes a formação dos mesmos.

Desta forma, Romero (1994) diz que a prática da Educação Física deve ser igual para todos, possibilitando que meninos e meninas possam ter igualdade para experimentar os mesmos movimentos, no entanto, o que se observa na prática é a existência de tratamentos distintos para alunos e alunas, fortalecendo as diferenças observadas na sociedade (ROMERO, 1994).

## OBJETIVO

O presente estudo teve como objetivo verificar se as relações de gênero na Educação Física escolar, referente à prática do futsal, apresentam um favorecimento à prática masculina.

## DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa Quantitativa – Descritiva (MARCONI E LAKATOS, 1990:76) que consiste *em investigações de pesquisa empírica cuja principal finalidade é o delineamento ou análise das características de fatos ou fenômenos, a avaliação de programas, ou isolamento de variáveis principais ou chave.*

Foram entrevistadas 30 alunas, na faixa etária de 09 a 12 anos, regulamente

matriculadas no ensino fundamental, na 4ª e 5ª séries da Escola Estadual Professor José da Costa Bolsinha, localizada no bairro Jardim Cumbica, na periferia da região sul da cidade de Guarulhos-SP.

O instrumento de coleta dos dados consistiu em um questionário com seis questões fechadas, elaborados pelos autores, tendo como foco verificar se a sociedade e/ou professor de Educação Física exerce influência negativa quanto à prática do futsal por meninas e, identificar a preferência das alunas em praticarem essa modalidade de forma mista ou separada, observando como se dá a ocupação dos espaços físicos escolares, a questão da exclusão nas aulas e a situação vigente do futsal feminino na escola.

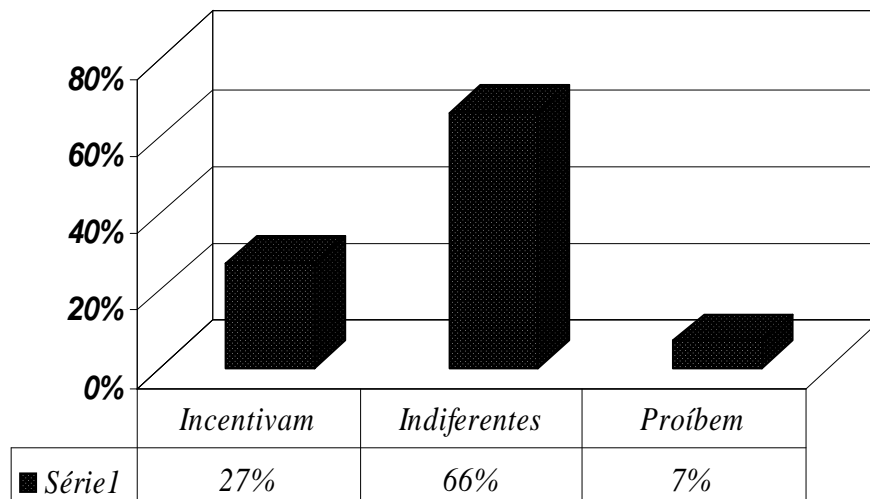
O questionário foi aplicado de forma individual, durante a aula de Educação Física. No momento de selecionar as candidatas para entrevista, tomou-se o cuidado de mesclar entre as alunas que participavam da aula e as que ficavam sentadas na arquibancada, para evitar que a pesquisa se tornasse tendenciosa. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas.

A análise das respostas das entrevistadas foi feita pela estatística descritiva, transformando as respostas em percentuais do total.

## DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Na primeira questão, procurou-se conhecer a influência da família sobre as meninas em relação à prática do futsal, onde se perguntava “*Seus familiares te incentivam, são indiferentes ou proíbem que você jogue futsal?*”. Os resultados estão apresentados no gráfico 1.

**Gráfico 1.** Incentivo a prática do futsal pela família.



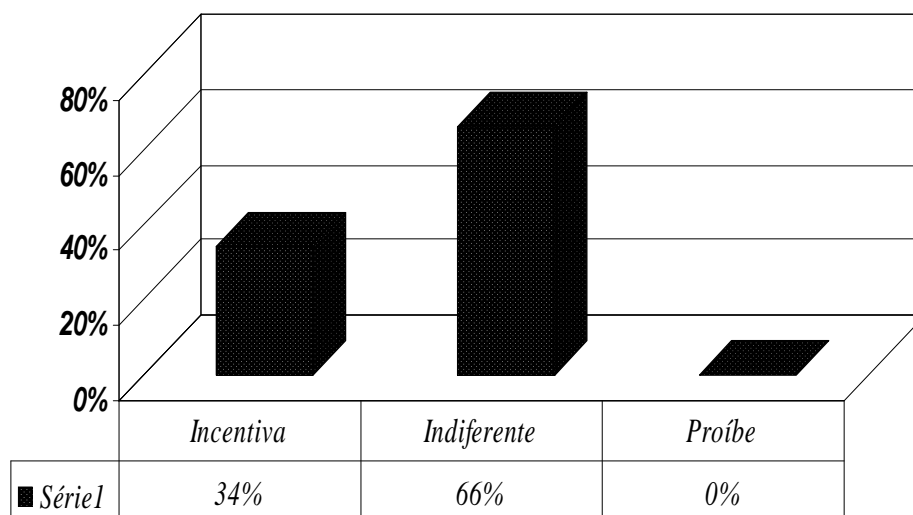
Os resultados indicaram que as famílias da maioria das alunas da escola pesquisada são indiferentes em relação às meninas jogarem futsal, de acordo com 20 entrevistadas (66% do total). Mesmo que possam ser casos isolados, ainda existem casos de proibição da prática do futsal por parte dos pais (duas entrevistadas ou 7% do total).

Em uma pesquisa com metodologia semelhante, Souza Jr. (2000) entrevistou garotas

com idades entre 11 e 14 anos que participavam de um torneio escolar de futebol feminino e verificou que 75% das alunas entrevistadas recebiam apoio e incentivo de seus familiares, contudo, a constituição desta amostra apresenta diferenças em relação a que aqui é estudada, uma vez que a idade das alunas é superior e a entrevista ainda que na escola, não foi feita nas aulas de Educação Física e sim durante um Torneio escolar. Mesmo assim nota-se que 25% das entrevistadas por Souza Jr. (2000) não eram incentivadas pelos pais.

Após verificar que 73% das entrevistadas não são incentivadas pela família na prática do futsal, torna-se necessário conhecer a participação do professor de Educação Física neste processo. A segunda questão perguntava-se as alunas se *“Seu professor (a) de Educação Física te incentiva, é indiferente ou proíbe que você jogue futsal?”*, sendo o resultado apresentado no gráfico 2.

**Gráfico 2.** Incentivo do professor de Educação Física a prática do futsal?



Verificou-se no gráfico 2 que para 66% (n = 20) das alunas entrevistadas, os (as) professores de Educação Física (as) adotam uma postura indiferente em relação à prática do futsal por meninas.

Serbin (1984) apud Altmann (1998), pesquisando escolas norte-americanas, verificou que professoras por terem sido socializadas como mulheres, têm interesses específicos na sala de aula, conseqüentemente, acabam interagindo com as crianças, principalmente através de atividades de preferência feminina, e isso dificultaria a participação das meninas em atividades predominantemente masculinas como é o caso do futebol.

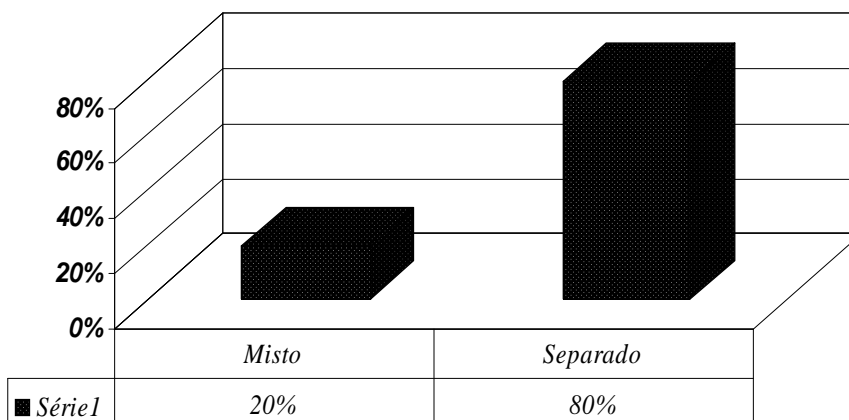
Daolio (1997) conta que há certo receio em muitos docentes de Educação Física em tentar desprender-se de certos preconceitos e sugerir atividades que propicie igualdade de oportunidades aos alunos, respeitando a diversidade de interesses de cada aluno.

Para Scraton (1992) apud Louro (1997) muitas professoras e professores evitam aplicar jogos para as meninas que ocasionam contato físico ou que possam conter certa dose de agressividade, porque estão preocupados com a sexualidade da aluna, justificando que tais atividades vão contra o ideal heterossexual de feminilidade, que esta ligada a fragilidade e a passividade, reforçando com argumentos de que tais atividades podem machucar os seios ou órgãos reprodutores das meninas e estimular contatos entre as garotas que não seriam

desejáveis.

Após diagnosticar a indiferença da família e do professor de Educação Física em relação à prática de futsal pelas meninas na escola, a terceira questão procurou investigar a preferência das meninas em jogar futsal junto com os meninos ou em separado, sendo questionado a elas “*Você prefere jogar futsal só com as meninas ou junto com os meninos?*”, estando os resultados apresentados no gráfico 3.

**Gráfico 3.** Preferência das meninas em relação à prática de futsal.



Pode-se constatar que na escola pesquisada, a maior parte das meninas, 80% (n=24) das participantes preferem jogar futsal separado dos meninos. Os resultados são compatíveis com os estudos de Jesus e Devidé (2006). Tais autores acreditam que a presença dos meninos no jogo tende a intimidar as alunas, que optam por tornarem-se coadjuvantes, sem terem iniciativa em participar.

Oliveira R. (2006) relata que na turma da 8º série a qual observou, em nenhum momento, as meninas jogaram futebol com os meninos e vice-versa.

Darido e Souza Jr. (2002) também obtiveram resultados semelhantes, onde em seus estudos constataram que na maioria das escolas pesquisadas as meninas praticavam futebol em turmas femininas, como apontaram 60 % das participantes.

Contudo, discordando dos estudos acima, em uma pesquisa realizada por Souza Jr. (2000) onde o autor solicitou a opinião das entrevistadas em relação a jogar futebol com os meninos, 75% delas colocaram-se a favor, relatando que os meninos têm mais habilidade e isso favorecia a aprendizagem, o que nos leva a identificar que elas os percebem não como adversários, mas sim como “professores” (SOUZA JR., 2000).

O quarto gráfico representa os resultados da questão número 4, que tinha objetivo de apurar qual gênero usufruía mais dos espaços esportivos da escola fora dos horários das aulas de Educação Física, com a seguinte pergunta “*Fora dos horários das aulas de Educação Física, quem utiliza mais a quadra e os demais espaços esportivos de sua escola: Meninas, meninos, meninos e meninas ou não são ocupados?*”.

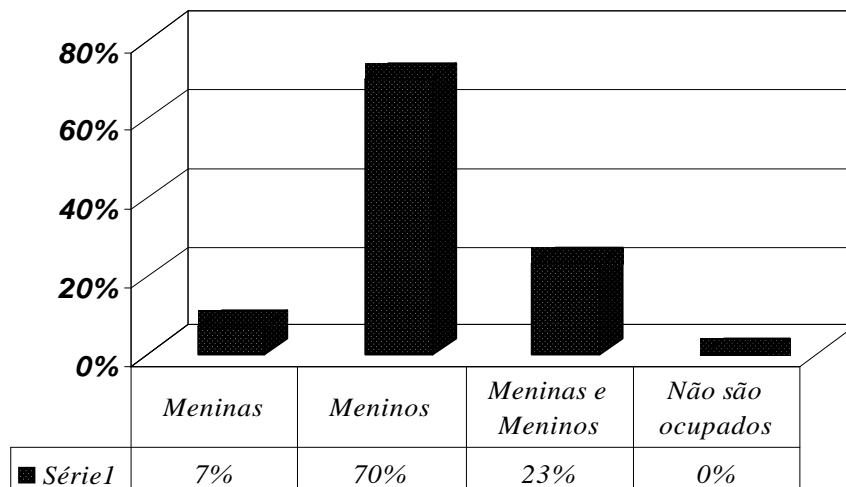
Podemos observar uma diferença significativa quanto à ocupação dos espaços esportivos, ou seja, de acordo com 70% das respostas (n= 21) os espaços esportivos da

escola pesquisada são mais ocupados por meninos.

Esses resultados são compatíveis com os estudos de Altmann (1998), pois a autora verificou em sua pesquisa que meninos ocupam espaços mais amplos do que as meninas, podendo-se observar uma exclusão das meninas das quadras de futsal durante os recreios. Outros estudos citados pela autora corroboram com estes resultados, como o de Thorne (1993) apud Altmann (1998), que pesquisou o pátio de escolas fundamentais norte-americanas e constatou que meninos ocupavam dez vezes mais espaço do que meninas nos recreios da escola, controlando espaços maiores e principalmente destinados a esportes coletivos.

Grugeon (1995) apud Altmann (1998), pesquisando escolas elementares inglesas, constatou que o domínio masculino do espaço físico durante os recreios ocorria principalmente através do futebol. Assim, assume-se que o esporte é um meio dos meninos exercerem domínio de espaço na escola, sendo os locais destinados à prática esportiva, considerados redutos quase que exclusivamente masculinos (ALTMANN, 1998).

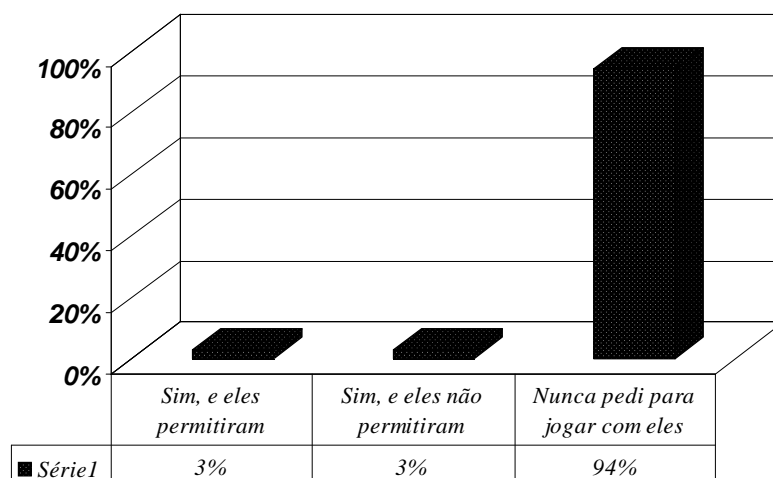
**Gráfico 4.** Utilização da quadra e dos demais espaços esportivos da escola.



Já Darido e Souza (2002), pesquisando escolas brasileiras, verificaram que de acordo com 89% das respostas das entrevistadas os meninos ocupavam quase que exclusivamente esses espaços destinados a prática esportiva.

A exclusão das meninas pelos meninos das partidas de futsal foi estudada na quinta questão, tendo como questionamento a seguinte pergunta: “Quando os meninos estão jogando futsal, seja na aula de Educação Física ou em qualquer outro momento, você já pediu para jogar com eles? E eles permitiram?” Os resultados seguem representados no gráfico 5.

**Gráfico 5.** Permissão de jogo das meninas pelos meninos durante a prática do futsal.



Resultado interessante representado no gráfico 5, onde se observa que 94% (n=28) das alunas entrevistadas relatam nunca terem pedido para jogar futsal com os meninos, o que nos levar a crer que as alunas entrevistadas, nem ao menos tentam incluir-se nos jogos praticados pelos meninos.

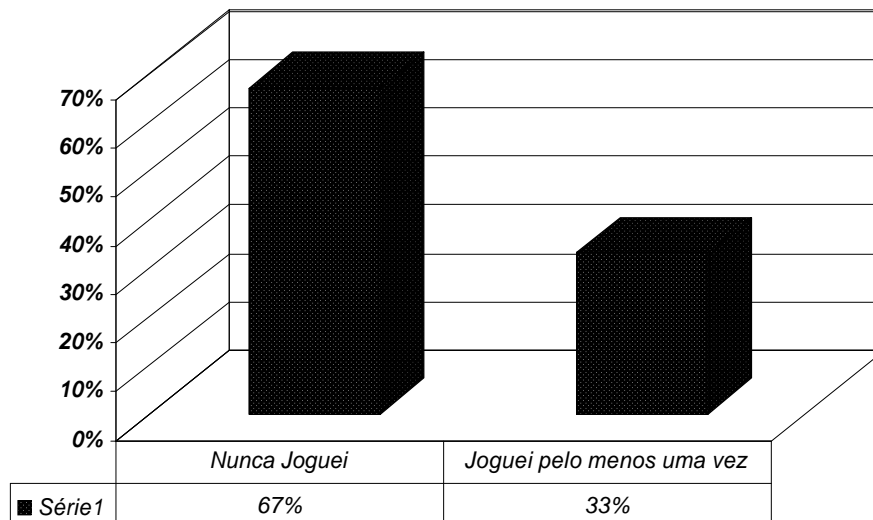
Neste sentido, Louro (1997) relata que algumas crianças que gostariam de participar de atividades controladas pelo outro sexo sentem dificuldade de ultrapassar as barreiras culturais existentes. Para Abreu (1992) a maioria das meninas sente dificuldades em demonstrarem habilidades que envolvem membros inferiores e bola, com ou sem deslocamento, isso se deve a fatores culturais.

Já Pereira (2004) em suas observações na escola, verificou o quão preconceituosa é a idéia da garota jogando futsal, pois por ser este considerado um esporte masculino, a primeira reação tanto de mulheres como de homens ao ver uma menina habilidosa jogando com meninos é de logo esboçar o comentário "*Parece um homem*".

Contrariado estes resultados, Souza Jr. (2000) em sua pesquisa verificou que 100% das entrevistadas já haviam jogado futsal com os meninos, contudo pelo fato de seus estudos terem sido realizados com equipes de treinamento da escola e não na aula propriamente dita, a influência dos treinamentos que os colégios realizavam pode tornar o estudo tendencioso.

Para verificar se meninas já haviam tido alguma experiência com o futsal em suas aulas de Educação Física a última questão teve este objetivo, perguntando as entrevistadas "*Em suas aulas de Educação Física, você já jogou futsal?*", onde os resultados seguem representado no gráfico 6.

**Gráfico 6.** Vivência prática do futsal nas aulas de Educação Física.



Dentre todos os resultados obtidos a partir desta pesquisa, o mais alarmante mostra-se o da sexta questão, uma vez que esses resultados mostram que 67% (n = 20) das alunas entrevistadas nunca jogaram futebol em suas aulas de Educação Física. Tal resultado é preocupante, uma vez que as entrevistadas se encontram na 4ª e 5ª série do ensino fundamental, com idades entre 9 e 12.

Esses dados não correspondem com outras pesquisas realizadas, como a de Darido e Souza Jr. (2002) que observaram que 91% das entrevistadas já passaram por algum tipo de experiência com esse esporte nas aulas de Educação Física e 87% dizem que meninas jogam frequentemente o futebol na escola.

Santana e Reis (2003) em seus estudos buscaram observar o principal local de iniciação ao futebol de atletas de elite do futebol feminino paranaense e obtiveram como resultados que 34,8% (correspondente a 15 das 43 entrevistadas) iniciaram na escola, em aulas de Educação Física e 11,6%, (5 das 43 entrevistadas) iniciaram na escola de futebol pertencente à escola. As demais atletas tiveram como locais de início a rua, clubes, escolinhas particulares ou projetos de extensão de uma Universidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se refletir no decorrer desse estudo, se as relações de gênero na Educação Física escolar, referente à prática do futebol, apresentam um favorecimento à prática masculina. Nota-se que a sociedade e a cultura do nosso país, exercem influência negativa em relação à prática de atividades que envolvam a motricidade ampla por mulheres, uma vez que é mais indicado que elas exerçam atividades que predominem a motricidade fina ou atividades que tenham a função de prepará-las para futuros papéis que lhes são reservados, ou seja, donas de casa e mães.

Visto a contribuição da escola na formação da criança, julga-se necessário que ela reveja seus conceitos, a maneira com a qual esta educando seus alunos, verificando se tais métodos influenciam na manutenção das discriminações de gênero, buscando estratégias para reversão desse quadro. Sugere-se que sejam feitos programas de conscientização de

pais e professores sobre os danos, que inconscientemente eles causam, ao coibir determinadas atitudes de seus filhos e alunos.

Acredita-se que Educação Física, usando como instrumentos os seus conteúdos, pode contribuir para libertação corporal da mulher. Para que isso seja possível, o professor de Educação Física deve repensar o seu papel como agente de transformação social, evitando atitudes e comportamentos que propiciem a separação de gêneros. Interessante seria incentivar todos os alunos, sem diferenciação de sexo, a participarem de todas as atividades propostas na aula. Na verdade, o que se busca é uma equidade de gênero.

A dicotômica postura de muitos professores de Educação Física, que na teoria intercede a favor de uma educação igualitária, entretanto na prática observa-se uma distinção de tratamentos para meninos e meninas, merece mais atenção, talvez o despreparo de muitos deles seja um forte indício da desigualdade de oportunidades a qual meninas são submetidas. Logo, torna-se oportuno, que durante a graduação, os futuros professores tomem conhecimento das relações de gênero presente na escola, e reflitam e discutam sobre sua influência nessa problemática. Talvez assim, os novos docentes cheguem à escola com uma visão atualizada, com a concepção de que as diferenças entre gêneros são atribuídas por fatores sociais e não biológicos, portanto reversíveis.

Os resultados apresentados em nosso estudo permitem concluir que as relações de gênero na Educação Física escolar, referente à prática do futsal, apresentam um favorecimento à prática masculina, contudo, sente-se a necessidade de uma continuação deste estudo, que merece maiores aprofundamentos e novos questionamentos.

## REFERÊNCIAS

ABREU, N.G. Meninos pra cá, meninas pra lá? In: VOTRE, S. J. (org.). **Ensino e avaliação em educação física**. São Paulo: Ibrasa, p.101-120, 1992.

ALTMANN, H. **Rompendo Fronteiras de Gênero: Marias (e) homens na Educação Física**. Belo Horizonte, 1998. 110p. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais.

COUTO, H. R. F. **A criança e as manifestações lúdicas de rua e suas relações com a Educação Física Escolar**. Piracicaba-SP, 2008, 129p. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Ciências da Saúde, Curso de pós-graduação em Educação Física, Núcleo de Pedagogia do Movimento, Corporeidade e Lazer, UNIMEP - Universidade Metodista de Piracicaba.

DAOLIO, J. **Cultura: Educação Física e Futebol**. Campinas – SP: Unicamp, 1997.

DARIDO, S. C.; SOUZA JR, O.M.S. A prática do futebol feminino no ensino fundamental. **Motriz**, Rio Claro, v.8 n.1, p.1-9, Janeiro-Abril 2002.

JESUS, M.L.; DEVIDE, F.P. Educação Física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. **Movimento**, Porto Alegre, v.12, n. 03, p. 123-140, setembro/dezembro de 2006.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. **Petrópolis**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MARCONI, M.A e LAKATOS, E.M. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. [S.1] Editora Atlas S/A, 1990.

OLIVEIRA, R. C. **Educação física, escola e cultura: o enredo das diferenças.** Campinas, 2006. 101p. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

PEREIRA, S. A. M. **O sexismo nas aulas de Educação Física: uma análise dos desenhos infantis e dos estereótipos de gênero nos jogos e brincadeiras.** Rio de Janeiro, 2004. 171p. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho.

ROMERO, E. A Educação Física a Serviço da Ideologia Sexista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.15, n. 3, janeiro 1994.

SANTANA, W.C.; REIS, H.H.B. Futsal feminino: perfil e implicações pedagógicas. **Revista Brasileira Ciências e Movimento**. 11(4): 45-50, 2003.

SOUZA JR., O. M. Futebol Feminino em Competições Escolares. In: **8.º Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa**, Lisboa – Portugal, 2000.